

Não imaginarás.

ECTAR

A leitura dos dez mandamentos comumente despreendida é tarefa difícil. Somos con-
 dicionados desde meninos para certas atitudes diante deles. Recomendo, no entan-
 to, ao leitor que experimente essa leitura. Encontrará o decálogo em Êxodo 20 e
 em Deuteronômio 5, e uma forma curiosa em Êxodo 34. Certamente não justificam es-
 ses textos os raios de luz que se projetaram da testa de Moisés ao recebê-los em
 Sinai, (ou Horeb, pois a Bíblia se contradiz neste ponto). Pelo menos não o ju-
 stificam se lidos atualmente. Provavelmente já estamos saturados de comentários e
 explicações, a ponto de sermos incapazes de sorver o esplendor sacral desses tex-
 to. São, para nós, uma combinação de regras de comportamento banais e alusões a
 mitos não mais vivenciáveis. Mas ocorre neles uma passagem, aparentemente fóra
 de contexto, que proíbe a arte figurativa. Diz ela (Êxodo 20,4): "não deves fa-
 zer esculturas, ou quaisquer imagens imitando qualquer coisa do céu, da terra, ou
 da água debaixo da terra". Esta sentença parece caber melhor no programa da Bio-
 nal que nos Dez Mandamentos. Os exegetas da Bíblia, sejam talmudistas, padres ou
 pastores, não são, via de regra, críticos de arte muito atualizados. As explica-
 ções que oferecem da sentença citada não resultam em recomendações da arte abstra-
 ta. Mas creio que uma interpretação assim é perfeitamente viável. A uma suces-
 siva de uma interpretação assim dedicarei o presente artigo.

A Bíblia tem horror ao paganismo. Paganismo é idolatria, isto é adoração de ima-
 gens. Por que isto é tão horrível? Porque as imagens são "falsas". O assim cha-
 mado "monoteísmo" na sua forma ocidental é, todo ele, a tentativa de argumentar
 contra a "falsidade" das imagens. Esse tipo de monoteísmo é o próprio fundamento
 do nosso pensamento. O Deus desse monoteísmo é inimaginável, e o é em duplo sen-
 tido: não pode ser imaginado, e não deve ser imaginado. Há outros tipos de mono-
 teísmo, por exemplo o dos estoicos, e o de muitas religiões primitivas. Estes não
 serão considerados. Devemos, no entanto, limitar um pouco a inimaginabilidade do
 nosso Deus, tal como a Bíblia O apresenta. É visualmente inimaginável, mas em
 certas ocasiões é perfeitamente audível. Fala, e entra em diálogo com os homens.
 Obviamente, não é "pecado" imaginá-lo acústicamente, e os Dez Mandamentos não o
 proíbem. "Falsas" são apenas as imagens visuais que Dele fazemos. Chamemos "Da-
 da" de "realidade", e chamemos as imagens visuais de Deus de "modelos". O que o
 nosso monoteísmo diz é que todos os modelos da realidade são "falsos". Paganismo
 é a crença que modelos representam a realidade. Idolatria é a explicação da rea-
 lidade por modelos. Modelos são os "falsos deuses", contra os quais se dirige a
 ira e a náusea dos profetas. Os Dez mandamentos definem a construção de modelos
 como "pecado".

Observe como a exegese do nosso versículo força o argumento a desviar-se. A pro-
 ibição das imagens parece ser, dado o seu contexto, um mandamento ético, isto é
 uma regra de comportamento. Fora do seu contexto apresenta-se como norma estétí-
 ca, isto é como uma teoria da arte. Sob consideração revela ser uma teoria do co-
 nhecimento. Diz que imagens trazem "falso" conhecimento, porque imagens não se
 adequam à realidade inimaginável. O presente artigo procurará mostrar que os três
 aspectos do versículo são inseparáveis.

O conjunto de modelos que construímos para imaginar a realidade é chamado "teoria".
 A teoria é a imaginação da realidade pela visão interna. Por exemplo: Newton for-
 neceu um modelo que torna imaginável o movimento dos corpos, Darwin um modelo que
 torna imaginável o desenvolvimento da vida, Freud um modelo que torna imaginável

2

o funcionamento da psique, Marx um ² modelo que torna imaginável o comportamento da sociedade. Mas o primeiro exemplo, (o de Newton), freia o nosso argumento. ^{COPIA} A teoria da relatividade superou o modelo newtoniano. Não substituiu, no entanto, o modelo newtoniano por outro. A teoria da relatividade não torna imaginável o movimento dos corpos, pelo contrário: torna os próprios termos "movimento" e "corpos" unimagináveis. Se é que no campo da física, (da ciência mais avançada), o mandamento "não imaginarás!" começa a revelar a sua força temível? Será que no campo da física deixamos de ser pagãos depois de tantos milhares de anos de paganismo? Será que o nosso monoteísmo está começando a realizar-se pelo menos neste campo restrito?

Devemos confessar que a nossa incapacidade de imaginar o mundo einsteiniano nos deixa profundamente insatisfeitos. Temos dificuldade em admitir que uma teoria unimaginável seja um tipo válido de conhecimento. Isto porque somos pagãos no sentido de adorarmos modelos. O modelo newtoniano é algo quase palpável, um ídolo diante do qual é possível prostrar-se. No entanto, em certo sentido é "falso". Estamos, na física, em situação semelhante à dos israelitas diante do bezerro de ouro. A realidade unimaginável, mas apenas articulável em símbolos matemáticos puros, aparece por detrás do modelo newtoniano como demonstração de como é inadeguada a imaginação humana. Será isto a realidade? E destruirá ela, futuramente, todos os demais modelos? Tornará ela totalmente unimaginável tudo que nos cerca? Destroçará ela todos os nossos ídolos, para lançarmos em circunstância inteiramente incompreensível, porque unimaginável? Estas considerações mergulham a nossa mente em clima do Antigo Testamento.

Consideremos esse clima mais de perto. Os profetas sentem horror e nojo dos "falsos deuses", e o povo se sente atraído por eles. A atração que o povo sente é compreensível. Ichtar é um modelo da fertilidade, (como o marxismo é um modelo da história), e torna imaginável a realidade, e significativa a vida nela. A idolatria é pois inteiramente compreensível. Mas como explicar o horror e o nojo dos profetas? Os ídolos, os modelos, são horrores, porque tapam a visão da realidade e não permitem que esta aja sobre o homem. O homem constrói modelos para proteger-se contra a realidade e não permitir que os seus raios o atinjam. "Porque ~~é~~ como o fogo do refinador", diz o profeta. E os ídolos, os modelos, são nojentos, porque são apenas coisas. São algo que está lá, ao alcance da minha mão, prostituído e pronto a ser por mim apreendido e compreendido. São algo compacto e cheio de si mesmo, algo abarcável e manipulável. Permitem que sejam governados por mim, e isto me causa nojo. A prostituição dos modelos, a solicitação dos ídolos de serem utilizados, isto é paganismo. A adoração de Ichtar é, com efeito, uma manipulação de Ichtar por mim, é magia. Magia é a construção de modelos que são tomados por realidades e depois utilizados para a manipulação dessa suposta realidade. Isto é idolatria, e é por isto que é nojenta.

O mandamento "não imaginarás!" define a magia como "pecado". Define portanto todas as nossas tentativas de imaginar, compreender e manipular aquilo que tomamos por realidade como "pecado". Mas é quase impossível concordarmos com essa definição, num plano especulativo. A ciência, a tecnologia, e a arte não se nos afiguram pecaminosas, embora possamos concordar com a Bíblia que essas disciplinas contêm um elemento de magia. Pelo contrário, existe, como sabemos, por exemplo uma arte "pia". E a filosofia, que é para o mandamento a gema idolatria, (já que imagina realidades), pode, como sabemos, constituir a ancilla da teologia. O san...

COPIA

mandamento "não imaginarás!" não é aceitável no plano especulativo, e é por isto que o exortam a procuram torna-lo inócuo e inoperante. Procuram, com efeito, transferi-lo para épocas históricas passadas que não nos dizem respeito. Como se tivesse por objeto apenas o culto de Ichtar, e não o culto do freudismo. Mas nua plano vivencial, num plano estético, o mandamento é inteiramente válido, porque nesse plano podemos ter a experiência imediata da imaginação como pecado. Horror e nojo são a vivência que acompanha o pecado. Creio, com efeito, que para nós na dernos horror e nojo são a definição do pecado. Pois a contemplação de um modelo, por exemplo do darwinismo, nos causa horror, porque esse modelo nos tapa a visão daquilo que sentimos ser a realidade da vida. Sentimos, horrorizados, que todos estes termos como "sobrevivência do mais bem adaptado" e "luta pela sobrevivência" são termos pecaminosos, porque inadequados. É a mesma contemplação nos causa nojo porque sentimos ser o darwinismo um modelo fechado sobre si mesmo, que explica tudo demasiado bem, o que prova ser ele "falso". Se contemplamos o darwinismo como obra humana, como modelo construído pelo homem para compreender e manipular algo que resolveu chamar de "realidade", então podemos vivenciar de repente o quanto é inadequada essa obra, e portanto o quanto é horrorosa e nojenta, isto é peccaminosa. Se conseguirmos assumir essa atitude estética para com o darwinismo, talvez, talvez, creio, captado algo do clima no qual o mandamento "não imaginarás" surgiu. É o pensamento existencial que facilita essa atitude.

Trata-se de uma filosofia que é, no fundo, anti-imaginativa. Surge como consequência de fenomenologia, que é a tentativa de assumir uma atitude perante o fenômeno nos de acordo com o mandamento. E aplica a fenomenologia à situação corriqueira na qual nos encontramos. Procura portanto evitar modelos, mas permitir que a situação se revele vivencialmente. Nessa atitude são libertas as coisas do peso da nossa imaginação e devedam o fundo inimaginável do qual surgiram. São essas coisas. O movimento artístico que procura captar esta vivência que resulta dessa atitude é o surrealismo. Com o surrealismo ressurgiu, de certa forma, uma vivência do mundo que corresponde ao estágio da destruição dos ídolos, dos modelos. Mas o surrealismo é ainda um movimento pagão, no sentido de procurar imitar algo "do céu, da terra, ou da água debaixo da terra", embora esse algo não seja mais tomado como realidade. Mas é a arte não figurativa, a arte abstrata, que é a última consequência dessa atitude. Nela é feito o sacrifício consciente da capacidade imaginativa como construtora de modelos da realidade. A imaginação não é mais utilizada para a imitação da realidade, mas a obra de arte passa a ser a articulação de vivências inimagináveis. É esta uma arte que, por certo inconscientemente, compartilha com os profetas o horror e o nojo dos ídolos cheio de si mesmos.

A nossa civilização é síntese de duas heranças: a grega e a judia. No campo da ética e da moral, inclusive no campo da política e da economia, é a herança judia, (na sua forma cristã), a que prevalece. No campo da estética e no campo do conhecimento prevalece a nossa herança grega. A nossa arte, e a nossa ciência e filosofia deve muito mais aos gregos que aos judeus. Nesses campos somos quase inteiramente pagãos, no significado dos Dez Mandamentos. Estamos, nesses campos, dedicados à construção de modelos. Mas, no presente estágio do nosso desenvolvimento, começamos a vivenciar esses nossos modelos como sendo "deuses falsos". Isto significa que há uma irrupção da nossa herança judia nesses campos. Em consequência disto começamos a existir em mundo inimaginável. Isto nos causa a sensação de des

CÓPIA

orientação, de perda do senso da realidade. O nosso mundo está se tornando abstrato. É a "Goetterdämmerung", (o ocaso dos deuses) que estamos presenciando. Sentimos que a realidade tradicional, aquela tornada imaginável pelos modelos, não nos dá mais respeito. Perdemos a fé nos deuses de barro. Mas não temos mais, (ou ainda não temos), a fé naquela realidade que se revelou nos Dez Mandamentos. Estamos talvez na situação dos israelitas no momento da descida de Moisés da montanha.

A física atual nos põe em contacto com uma realidade inimaginável. Aceitamos essa realidade sem poder aderir a ela. A arte abstrata nos põe em contacto com outra realidade inimaginável. (Ou será a mesma?) São ambas expressões de uma vivência do mundo que o antigo Testamento pré-figura. Pela primeira vez na história do Ocidente articula-se a vivência judaica do mundo na física e na arte. E, pela fenomenologia e pelo existencialismo, também na filosofia. É um momento perigoso para o nosso futuro desenvolvimento. É perigoso, porque pode resultar em anti-intelectualismo. A proibição de imaginar é a proibição de fazer modelos. Mas "modelo", não é isto um termo muito semelhante ao termo "idéia"? "Imaginar", não significa isto, no fundo, "ter idéias"? A irrupção da herança judaica no campo de ciência, da filosofia e da arte, não representa ela uma ameaça ao pensamento "tout court", e não apenas ao pensamento teórico? A resposta a esta pergunta depende, obviamente, do nosso futuro comportamento. Depende de como conseguiremos sintetizar a nossa herança grega com o desafio que os Dez Mandamentos nos lançam atualmente.

É neste espírito, creio, que devemos encarar a arte abstrata. Como o ressurgimento repentino do mandamento "não imaginarás!" na superfície da nossa cena. Como um reaparecimento de uma herança submersa por milhares de anos. Devemos encarar-la portanto não apenas esteticamente, mas ainda éticamente e epistemologicamente. Em outras palavras: devemos encarar-la como a articulação de uma religiosidade submersa, e portanto neste sentido como a articulação de uma religiosidade nova. Como a primeira geração, depois de toda uma história contrária, que é capaz de vivenciar o mandamento "não imaginarás!" no seu significado original, isto é como palavra que nos advém do fundamento inarticulado. Depois de tantos milhares de anos essa palavra nos toca novamente.